

APRESENTAÇÃO

A pandemia provocada pela COVID-19, além de explicitar a nossa finitude, a solidão que nos acompanha, o contraponto ao “*time is money*”, amplamente divulgado pela sociedade capitalista, nos inspira a refletir que estamos em tempos de reinvenção do mundo em que vivemos e de estabelecer uma nova relação com o tempo. A pandemia e o isolamento social estão nos ensinando que é possível que as sociedades tentem se adaptar a novos modos de viver quando necessário. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir, de educar e de conviver nestes primeiros anos deste século.

Milhões de estudantes não estão nas salas de aula, bem como os seus professores, que não estão realizando suas aulas presencialmente. Ao enfrentarmos mais de 60 dias de isolamento social, propusemos, em nosso XIII Simpósio de Pedagogia, o primeiro virtual, debater sobre a importância da escola, o direito à educação e as condições de trabalho docente nesses tempos de pandemia. Sentíamos a necessidade de discutir nossas percepções e práticas docentes diante de desafios multifacetados no campo educacional. Surpreendeu-nos receber mais de 4.000 pessoas entre professores da educação básica e do ensino superior, estudantes dos cursos de licenciatura, especialmente do curso de Pedagogia, das cinco regiões do Brasil, além de participantes de Portugal e da Espanha. O debate foi tão profícuo em mais de 10 horas de conferências, mesas redondas, depoimentos e atividades culturais, que o Simpósio precisou se concretizar nesta edição especial da Revista Pedagogia em Ação.

Este também é o compromisso desta Revista, comunicar as investigações, as reflexões e as experiências docentes de professores nas escolas de educação básica e superior, bem como dos pesquisadores e estudantes que estão se formando para a docência. Com isso, reforçamos a importância do trabalho docente demonstrada na reflexão e na investigação da sua prática dentro do debate sobre a educação.

Nossas práticas mudaram no tempo e no espaço, nos desafiam a novas formas de interação e a repensar novos processos de ensino que geram, de fato, aprendizagem. Mas é um momento que exige, além da aprendizagem dos conteúdos, a aprendizagem da convivência, da escuta, do fortalecimento. São vários estudantes que nos relatam as angústias de estarem em isolamento, do peso de conviver com familiares, do sentimento de depressão... Temos escutado de colegas professores o quanto o desafio deste momento tem reinventado o lugar do professor, nos dando a sensação de que “Tudo que é sólido se desmancha no ar” (Marx). Essa escuta atenta parece que se torna ainda mais necessária agora. A pedagogia, os pedagogos e os professores, nesses tempos de pandemia, estão reaprendendo a escutar, a ousar e a entender que em sala de aula, ou do outro lado da tela, muito mais que alunos, temos outras almas humanas, sedentas de saberes, de novos conhecimentos, mas, principalmente, de sentido de vida. Portanto, estudar nesses tempos de pandemia também tem uma forte dimensão social.

Atualmente, no Brasil, são mais de 40 milhões de crianças e jovens em casa e mais de 2 milhões de professores em situação de distanciamento social. Isso nos faz pensar sobre as

condições de acesso e ambientes propícios para a aprendizagem, sobre as dificuldades de acompanhamento da educação no ambiente familiar, assim como as dificuldades de professores e das escolas para oferecerem uma educação de qualidade que crianças, adolescentes, jovens e adultos merecem e a que têm direito.

É nítido que o acesso à educação continua acontecendo de forma desigual neste momento de pandemia. Não há como fazer a leitura deste momento sem pensarmos em nossos desafios históricos. Não conseguimos avançar, de fato, na perspectiva de uma escola para todos, uma escola com iguais condições de acesso e permanência. Sabemos que igualdade precisa dialogar com equidade, já que as crianças chegam à escola em condições muito desiguais, não porque não são capazes, mas porque estão em condições de vida muito desiguais. Muitos não têm pais escolarizados e a nossa dívida com a EJA, por exemplo, permanece muito grande. Então, neste momento de pandemia, o projeto em disputa não está de fato diferente. É o mesmo que tínhamos antes. De um lado, o projeto hegemônico, que considera a educação como mercadoria, a educação regulada pelo mercado, dos que vão defender a meritocracia. De outro, a nossa visão, que vem desde Anísio Teixeira, Florestan Fernandes, Paulo Freire e tantos pedagogos e educadores que nos mostram que a escola é, sim, o lugar de construção humana. É claro que, para isso, precisamos também dos saberes escolares. A escola é o lugar para que esse capital cultural seja efetivamente garantido para os estudantes, mas por meio das interações com a vida, com a leitura do mundo, com os projetos educativos que pensam e fazem pensar. Paulo Freire já nos ensinava que uma educação problematizadora deve buscar desvelar os interesses que estão em jogo nos processos de opressão e, a partir de uma dialética da denúncia e do anúncio, promover uma Pedagogia da Esperança, no sentido do esperar, de um agir transformador da sociedade. Se pensarmos a educação como libertadora, este pode ser um momento rico para que pensemos o próprio papel da escola, de seus currículos e das relações família – escola.

É preciso também lembrar que a exclusão digital, escancarada neste momento, amplia a exclusão social. Podemos nos favorecer, inserindo a discussão da tecnologia digital numa luta pela igualdade ao acesso a esses recursos, o que pode possibilitar a inclusão social, bem como a construção de redes de solidariedade e de produção coletiva do conhecimento.

Esses são alguns dos tantos desafios que temos. Nesta edição especial da Revista *Pedagogia em Ação*, os autores nos mostram olhares que se entrecruzam, dialogam, se aproximam e se distanciam nesses tempos de pandemia, pois são reflexões de um mesmo momento, mas a partir da experiência de cada um. Assim, neste momento em que vivenciamos o luto por muito mais de 65.000 brasileiros que já perdemos para o coronavírus, os artigos aqui apresentados podem nos trazer alguns sopros de esperança. Para nós, educadores, luto, além de substantivo, também é verbo. Seguimos juntos, do luto à luta.

Boa leitura!

Prof^a. Dr^a. Sheilla Alessandra Brasileiro de Menezes
Chefe do Departamento de Educação da PUC Minas